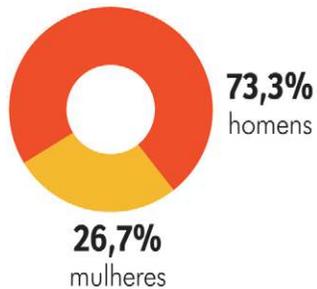
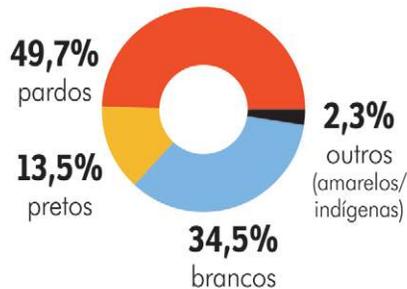


PERFIL DOS CASOS DE HIV

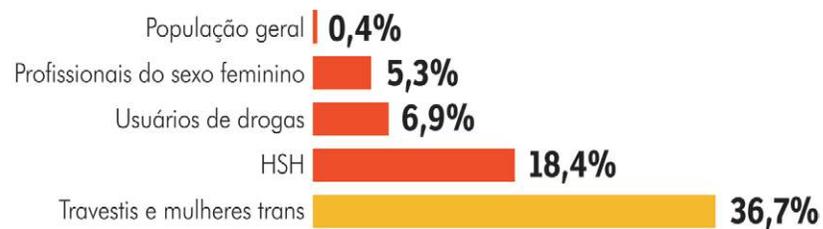
SEXO



RAÇA/COR



POPULAÇÕES MAIS VULNERÁVEIS AO HIV (taxa de prevalência)



Os dados são referentes a 2023

IDADE

63%
entre 20 e 39 anos

CATEGORIA DE EXPOSIÇÃO

53,6% HSH
(homens que fazem sexo com homens)

Demais:
heterossexuais, usuários de drogas etc. (sem número detalhado)

ESCOLARIDADE

55%
ensino médio incompleto ou menos



Fonte: Boletim epidemiológico 2024 do Ministério da Saúde

Valdo Virgo/CB/D.A Press

O relato de Amanda também reflete a desigualdade de gênero que marca a sociedade. “Muitas mulheres não têm poder de negociação no sexo, não conseguem exigir camisinha e não têm acesso à informação sobre PrEP, por exemplo”, salienta Vinícius Borges.

A epidemia de HIV em mulheres, por não apresentar números alarmantes na maior parte dos lugares, acaba sendo invisibilizada em algumas situações. Segundo a médica com mestrado em saúde pública e doutorado em epidemiologia Maria Inês Dourado, muitas mulheres acabam descobrindo o HIV apenas no pré-natal, já que a cada visita são feitos testes de ISTs, enquanto outras descobrem em exames de rotina.

“O que o Ministério da Saúde recomenda é que qualquer pessoa com vida sexual ativa faça pelo menos um exame de rotina por ano, incluindo HIV e outras ISTs”, salienta a médica. “Para as populações com risco acrescido, como mulheres em determinadas situações, esse rastreio deve ser feito a cada seis meses, principalmente em consultas ginecológicas”, acrescenta.

A desigualdade racial também marca a epidemia. Mais de seis em cada 10 novos casos notificados em 2023 (63,2%) ocorreram em pessoas negras, sendo 49,7% em pardas e 13,5% em pretas. Entre as categorias de exposição, os homens que fazem sexo com homens (HSH) continuam sendo os mais afetados,

representando 53,6% das novas infecções. O fator socioeconômico também aparece como determinante: 55% das pessoas diagnosticadas tinham ensino médio incompleto ou menos.

Os dados de prevalência por grupos específicos reforçam a dimensão das vulnerabilidades. Enquanto na população geral a taxa de infecção é de 0,4%, ela salta para 5,3% entre mulheres profissionais do sexo e para 6,9% entre usuários de drogas. Entre HSH, a prevalência chega a 18,4%, e entre travestis e mulheres trans atinge o patamar alarmante de 36,7%, o que reforça a urgência de ampliar testagens, campanhas educativas e a oferta de métodos de prevenção.